

A voz de Molière

Jacques Copeau*

Quanto mais força tiver a obra, quanto mais ela contiver de verdade humana e universal, quanto mais profunda e independente das circunstâncias e do tempo for a sua beleza, melhor ela suportará, chamará, exigirá ao longo dos séculos renovadas interpretações. Disse-se a propósito de Shakespeare e de alguns grandes autores estrangeiros que para que pudessem continuar a sensibilizar plenamente o nosso coração, e permanecessem inteligíveis para o nosso espírito, teriam de ser retraduzidos pelo menos duas vezes por século. Podemos dizer a mesma coisa da reinterpretação de qualquer grande obra dramática.

Reinterpretação. Mas de acordo com o seu sentido, com o seu espírito, e segundo a sua tradição.

É por esta razão que devemos desconfiar daqueles que pretendem “ressuscitar” Molière, espezinhando toda e qualquer tradição.¹ Uns fazem-no em nome da naturalidade, da verdade, de uma verdade mais moderna, mais realista; outros, em nome de uma arte mais inovadora e ousada, “sintética” como eles dizem, e é em nome de fórmulas inéditas simultaneamente cultas e pueris que pretendem administrar ao paciente Molière a droga que escolheram ou inventaram. Seja qual for a invenção, seja qual for a teoria, essas pessoas não vêem mais nada para além disso. É nisso que se fixam. Para o fazerem prevalecer, devastam tudo. Depois, ficam a contemplar-se a si próprias e à sua própria genialidade no meio do desastre.

Não se trata de nada disto. Molière está aqui, bem vivo e em forma. Não precisa de muletas, nem de cataplasmas.

Para se representar bem Molière, para se representar pelo menos de acordo com o seu estilo e com a sua naturalidade – ia dizer de acordo com o seu desejo –, basta um pouco de modéstia e de simplicidade, basta manter algum silêncio à sua volta e ouvir a sua voz que nos fala: *esta simples harmonia...*²

A primeira vez que representámos Molière no Vieux-Colombier éramos bastante jovens na nossa arte, bastante inexperientes. E, no entanto, não procurámos imitar os nossos antecessores nem surpreender as gerações futuras. Não nos lançámos nem na erudição nem na estranheza. Pensámos que, apesar de tudo, as “Crianças de família”³ que em 1643 faziam parte da companhia do *Illustre-Théâtre* no campo de péla da torre de Nesles, que Denis Beys, Germain Clérin, Jean-Baptiste Poquelin, Joseph Béjart, Nicolas Bonnenfant e os outros... não complicariam as coisas sem necessidade. Tinham a seu favor a juventude, a fé, a alegria, e a voz incomparável de um mestre que os animava, essa voz que não se calou, que nós próprios podemos ouvir se a soubermos escutar, cuja *presença real* podemos suscitar entre nós três séculos mais tarde.

Ouvimos a voz de Molière. Uma vez que era dele que se tratava, era só ele que queríamos ouvir. Este texto de Molière, esse admirável texto falado e agido, que não foi elaborado à luz de uma lâmpada de óleo num frio gabinete de trabalho, mas sim concebido com as candeias da ribalta, pensado em acção, no teatro habitado pelo seu autor, nesse palco onde ele morreu, em contacto com os actores, com os adereços e com o cenário, este texto de actor completo diz tudo ao actor que o ouve falar dentro de si. Dá-lhe a conhecer todos os seus segredos. Todos os movimentos do corpo, todos os ritmos do andar e do gesto estão nele inscritos, todos os tons registados, todas as entoações e nuances do discurso estão nele inscritas. Não há tradição mais segura do que esta: o texto e a inteligência do texto. O actor sem escrúpulos e sem comedimento, que pensa apenas em si próprio e saca dos seus efeitos, o encenador sem tacto e sem harmonia que, tal como o actor, não ouve a voz do autor, podem ambos esquivar-se ao texto e criar, paralelamente ao texto ou por oposição a este, por diversão ou vaidade, aquilo a que chamam *tradições*, que viverão apenas de rotina e graças aos cabotinos. Mas quando uma mão vigorosa consegue sacudi-las da obra que desonram, vemos reaparecer, sob esses falsos esboços, o desenho original e a respiração do texto.

¹ Para melhor compreendermos o pensamento de Copeau, importa termos em atenção o uso que ele faz de certas palavras como, por exemplo, *tradição*. [...] Copeau usa-a, a maior parte das vezes, no seu sentido literal e etimológico: “Acção pela qual se entrega alguma coisa a alguém” (Littre).

² Copeau refere-se, aqui, a uma citação do poema “Uma noite perdida”, de Alfred de Musset, publicado na *Revue des deux Mondes*, a 1 de Agosto de 1840: “Admirava, no entanto, esta simples harmonia / E como a sensatez faz falar o génio”.

³ A expressão surge no *Prefácio de 1682* à primeira edição das *Obras Completas* de Molière, atribuída a La Grange e Vivot.

* Excerto de “La voix de Molière”. In *Registres. 2: Molière*. Textes rassemblés et présentés par André Cabanis. – [Paris]: Gallimard, 1976. p. 19-21. Trad. Alexandra Moreira da Silva.